

Dedicatória – Prefácio de G. Hervet

A sua tradução dos *Adversus Mathematicos*

G. HERVET

Tradução

FLAVIO FONTENELLE LOQUE (UNIVASF). E-mail: flavioloque@yahoo.com

Ao Ilustríssimo e muito venerável Charles, cardeal de Lorraine,
Gentian Hervet dirige mil saudações em Cristo.

Tendo chegado ao fim de muitos trabalhos de longo fôlego de que me havia encarregado, consagrados em parte à tradução de comentários dos antigos sobre as escrituras sagradas, em parte à refutação dos monstruosos erros dos sacramentais, buscava um desvio ameno do caminho para me restabelecer um momento de minhas fadigas e revigorar meu espírito quando, em tua biblioteca, sempre graciosamente aberta a mim por tua generosidade, deparei-me com uma obra de Sexto Empírico, *Adversus Mathematicos*, isto é, *Contra aqueles que professam ensinar doutrinas*. Em razão do incrível prazer que extraí ao lê-la até o final, pensei que valeria a pena traduzi-la para o latim.

Na realidade, adquirei a convicção de que deveríamos extrair da obra este fruto de primeiríssima importância: dado que ela mostra com clareza que nenhuma disciplina humana foi constituída com tal rigor que não possa ser abalada, que nenhuma ciência é segura a ponto de sustentar-se se atacada pelo arsenal de raciocínios e de argumentos, limitando-nos a roçar essas ciências humanas que inflam e não edificam, nós nos aplicaremos a estudar

Tradução feita a partir da versão francesa bilingüe de A. Legros (LEGROS, A. La Dédicace de L'Adversus Mathematicos au Cardinal de Lorraine ou Du Bon Usage de Sextus Empiricus selon Gentian Hervet et Montaigne Bulletin de la Société des Amis de Montaigne n.15-16 1999 p.51-72), em cujo texto latino baseou-se Roberto Bolzani Filho para fazer a revisão técnica.

a disciplina e a ciência apropriadas aos cristãos a fim de, certamente, abraçar sempre cerradamente a caridade, fundando nossa fé sobre a revelação que Cristo nos fez, apoiando-nos sobre a esperança dos bens que nos prometeu e obedecendo aos preceitos de Deus. A disciplina por excelência, a ciência verdadeiramente eminente, é aquela pela qual Deus é conhecido pela fé e graças à qual alcançamos o reino de Deus. Se nos propusermos esse objetivo e nos dedicarmos com assiduidade à contemplação da causa primeira e suprema de todas as coisas, compreenderemos facilmente a verdade da palavra do Salmista: *admirável é a ciência de Deus, não do nosso ponto de vista* (segundo a versão da Vulgata), mas (segundo a verdade do texto hebreu) *em comparação a nós*, isto é, se a comparamos à nossa ciência, totalmente inexistente frente a de Deus. Digamos mais: considerada em si, ela não merece nem mesmo o nome de ciência. Ajudando-nos fortemente a refutar os filósofos pagãos e estrangeiros, essa obra nos fornecerá também uma grande quantidade de argumentos contra os heréticos de nosso tempo, que, medindo com razões naturais o que está além da natureza e só pode ser conhecido e apreendido pela fé, não compreendem porque não crêem. De fato, dado que as coisas puramente naturais são tão difíceis de conhecer que tudo o que se pode dizer ou pensar a seu propósito é fácil de revirar, o que há de espantoso se as coisas sobrenaturais superam a capacidade da inteligência humana? Na falta de outra coisa, esse livro deveria ao menos persuadir nossos calvinistas a crer na simples palavra de Deus, ao modo das pessoas de Cafarnaum, sem de maneira alguma buscar saber como o que ele profere pode se realizar. Fazendo assim, eles não iriam se precipitar num tal abismo de impiedade a ponto de lutar irrefletidamente contra o próprio Cristo, reti-rando de suas palavras sua dignidade e eficácia. Além disso, que grande uso podemos fazer do comentário de Sexto Empírico para a defesa dos dogmas da religião contra os filósofos estrangeiros, Gianfrancesco Pico della Mirandola nos mostra maravilhosamente no livro no qual realiza a defesa da filosofia cristã face aos dogmas dos filósofos estrangeiros. Surpreendo-me ainda mais por nossa época ter visto aparecer esses novos acadêmicos, que pensam atrair a glória para si desprezando a antiga e verdadeira religião do Cristo para se fazer sectários de uma nova e falsa doutrina.

Não é, porém, somente para defesa dos dogmas da religião cristã que poderá servir esse comentário de Sexto Empírico: ele permitirá também melhor aprender e compreender a própria filosofia, a qual se ensina hoje nas escolas, e o círculo inteiro das chamadas disciplinas. A melhor maneira de aprender é, na realidade, tratar o objeto de estudo sob a forma de disputa, opondo os pontos de vista. Nesses comentários, os dogmáticos consolidam seus dogmas a ponto de seus próprios autores não poderem sustentá-los com maior adequação e força. Os céticos, contudo, partem tão bem ao ataque que não resta quase nada aos dogmáticos para dizer em defesa de suas posições. Dado que assim é, esse exercício só pode ser bastante eficaz para estimular e aguçar a inteligência dos jovens que, somente então, estarão em condições de distinguir a verdade, pois separarão o que é provável e verossímil do que não o é, e enfim extrairão de muitos prováveis e verossímeis a verdade que ocultavam. Entretanto, se, como acontece, as razões tiverem um peso igual de um lado e de outro de modo que não se possa chegar a nada de certo acerca do tema controverso, deve-se isso tributar à fraqueza da natureza humana, a qual faz os homens permanecerem no escuro mesmo em plena luz, e não às doutrinas dos dogmáticos ou dos céticos, que fazem o que podem para preponderar. Nessa situação, porém, considero que vale mais adotar a atitude que os céticos chamam de *epoché*, a retenção do assentimento que lhes poupa escorregar tão temerária e facilmente nos erros. Uma restrição, todavia, a essa aprovação: do que foi estabelecido acerca da verdadeira doutrina do Cristo e da moral que deve ser praticada em conformidade com ela, que não nos afastemos nem mesmo a largura de uma unha! Uma vez assegurada essa condição, sobre todas as outras questões esse comentário será, sem contradição, da maior utilidade.

Eis o que me levou, enquanto reparava minhas forças quase esgotadas para arrostar maiores trabalhos, a traduzir Sexto Empírico em língua latina. Este que hoje vê a luz não espera de ninguém uma recepção mais calorosa que aquela que receberá de ti, Príncipe Ilustríssimo, pois bem sabe que tu sempre encorajaste as letras e os letrados. Ele não duvida de que, em meio às atividades mais importantes que te ocupam, tu tenhas um dia a oportunidade de escutá-lo falar latim em voz alta, ele que, escrito em grego e até aqui

preso em sua caixa, estava fadado ao silêncio. Se tu agires assim e concederes a teu espírito uma pausa, por mais curta que seja, entre teus austeros estudos sobre as letras sagradas, tenho esperança de que não te arrependerás minimamente de ter consagrado algumas horas a lê-lo.

Adeus, de Paris, 16 das calendas de março, no ano 1567.